

MULHERES QUEREM AMOR, HOMENS QUEREM SEXO? AMOR E MASCULINIDADES ENTRE JOVENS DE CAMADAS MÉDIAS URBANAS DE BELÉM

Leonardo Fabiano Sousa Malcher

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar de que forma jovens – de 18 a 25 anos – de camadas médias urbanas de Belém (PA) concebem a noção de amor e vivenciam suas práticas amorosas no contexto da construção das masculinidades. O foco neste grupo específico se dá por estes jovens serem filhos de uma geração – sem considerar a questão de classe – que vivenciou, ativamente ou não, as mudanças impulsionadas pelo feminismo da década de 1970. O amor é tido aqui como “o tipo” de amor corrente na sociedade ocidental, o amor romântico.

Palavras-chave: gênero; amor; masculinidade.

Passadas praticamente quatro décadas, em que muitas transformações, avanços, recuos, acomodações, enfim, em que a dinâmica da vida social e a história mesmo das relações entre homens e mulheres (e, de modo geral, entre os gêneros) e dos próprios homens e das próprias mulheres, particularmente, foram (para sempre) marcadas pelo movimento feminista, como estão os jovens que seriam uma espécie de seus “herdeiros” diretos, diante das mesmas questões/situações – do amor, dos relacionamentos, da sexualidade? O amor é tomado aqui enquanto “o tipo” de amor cuja consideração é corrente na sociedade ocidental. O que o faz ser, ainda hoje, pensado como justificativa para relacionamentos e casamentos, e como meio para se chegar à plena

felicidade – trata-se, basicamente, da idéia (do ideal) do amor romântico. De que formas estes jovens estão, hoje, lidando com o amor em seus relacionamentos? Como estarão eles concebendo o amor? Como “coisa de mulher”? Os “mundos” dos sentimentos e da razão são hoje pensados como mais difusos entre homens e mulheres? De que forma as noções de amor e as práticas amorosas são constituídas no contexto da construção das masculinidades?¹

Gênero, amor e masculinidades

Em trabalho anterior (MALCHER, 2000),² pude perceber que, mesmo o

“surgimento” do amor romântico tendo ocorrido no final do século XVIII, época das transformações trazidas pela Revolução Industrial, até hoje a ideologia do “amor romântico” conserva grande força no mundo ocidental, como se fosse a base exigida e fundamental para relacionamentos conjugais ou que buscam uma certa durabilidade, ou uma perspectiva de futuro.

Tomando por base o fato de que nos relacionamos afetivamente com outras pessoas e que estes relacionamentos são, muitas vezes, baseados em expectativas e em “crenças emocionais” (COSTA, 1999) as mais diversas, é importante e interessante compreender de que forma(s) estes relacionamentos se dão, quais ideais são buscados, e como estes são atualizados nos ditos relacionamentos modernos e mesmo, se quisermos, pós-modernos (VAITSMAN, 1994). Considerando que guardam – qualquer que seja o modo – ideais de séculos passados e até bem anteriores – pré-modernos mesmo – se pensarmos no apelo, ainda atual, dos amantes de Verona.

Já no mestrado em Antropologia Social, nas aulas de uma das disciplinas,³ pude perceber que, ao tratarmos de gênero no contexto dos relacionamentos, da sexualidade e da família, somos levados a discutir, na maioria das vezes, pesquisas que levam em consideração as mulheres; são os chamados, segundo Guacira Louro (1998), *Estudos da mulher*.⁴ Ao discutir o assunto, alguém da turma justificava o fato como se os homens já tivessem “falado” muito e não precisassem “falar” mais; seria, ainda, a *hora das mulheres*.

Como sabemos, a abordagem do gênero foi bastante impulsionada pelo

movimento feminista, tomando como ponto principal da discussão e considerando “o problema” a questão da opressão feminina. Estudos sobre homens existiam desde a efervescência dos tão conhecidos e comentados estudos feministas, porém a pouca visibilidade, ao que parece, conferida a eles acaba nos dando a impressão quase contrária. Tenho aqui, então, como um dado o fato de a bibliografia existente a respeito do tema da masculinidade, diante da volumosa, representativa, conhecida e referida produção acadêmica voltada para a questão das mulheres, ser muito menos “visível” e, praticamente, não referida pelas principais estudiosas dessa área, conforme atesta qualquer consulta à literatura pertinente – o que é certamente “bom para pensar” e nos instigar à pesquisa (Cf. neste caso, por exemplo, HEILBORN, 1992; LASMAR, 1997; MACHADO, 1992, para ficarmos só com a produção brasileira).⁵ Na década de 1970, encontramos como tema principal a “questão da mulher”; no final da década de 1980 e durante toda a década de 1990, o tema “gênero” está bastante presente,⁶ ainda que a abordagem principal se dê numa perspectiva das mulheres (como nos mostram AMARAL, 1994; CORRÊA, 1998; HEILBORN, 1992; MACHADO, 1998). O tema referente a homens/masculinidades surge, assim, com maior evidência, como questão e problema de investigação e discussões, no Brasil, em termos de aumento no número de registros bibliográficos, na década de 1990 e, principalmente, no final desta.⁷

Outro fato bastante interessante é o de que os estudos de gênero que privilegiam o tema das mulheres são feitos quase que totalmente por mulheres e, por outro lado, os estudos que têm

como tema as masculinidades são quase sempre feitos por homens. O contrário, em ambos os casos, não é muito comum, apesar de as exceções, obviamente, existirem. Nas referências a respeito da masculinidade ou, de modo geral, sobre homens, certos temas são bastante recorrentes. Um deles é a questão da homossexualidade (MURRAY, 2000), e o outro, a questão, diria, da "virilidade" masculina e da "compulsividade" em relação ao sexo (GOLDSTEIN, 1999; HAYDEN, 2000; MACHADO, 1998). Penso que os homens são colocados em dois extremos: de um lado, na perspectiva do homossexual como algo em oposição à concepção do homem como verdadeiro "macho", ou como *homem mesmo*, e, de outro lado, a do homem "macho" como reprodutor de ideais hegemônicos, opressor e dominador diante das mulheres, compulsivo em relação ao sexo, narciso e ansioso em relação à sua própria virilidade. Será que a dicotomia mulheres/delicadeza/submissão X homens/força/opressão não está sendo tomada como base para a orientação temática das próprias pesquisas, reproduzindo, então, o padrão cultural? Um outro dado também muito importante é o da existência bastante acentuada de estudos mais recentes sobre masculinidades abordando os temas da reprodução, das doenças sexualmente transmissíveis e da AIDS (ARILHA, 1999; BARBOSA, 1993; GIFFIN; CAVALCANTI, 1999; DUARTE, 1998; GAMA, 1997; HEILBORN, 1999; LEAL; FACHEL, 1999; ROUCO, 1999, entre outros).

Durante um bom período, quando das preocupações mais fortes sobre a opressão feminina, o amor não foi tematizado, sendo, ao contrário, tido

como o grande vilão ou verdadeiro culpado daquela opressão (COLLIER et al., 1992; THORNER, 1987). O amor era considerado o domesticador das mulheres às relações hierarquizadas entre mulheres e homens. Algumas autoras, após alguns anos do "levante" contra o amor, chegaram à conclusão de que o amor não seria o culpado por este tipo de relação, mas sim, uma política, uma relação de poder desigual. Nos meados da década de 1980, o interesse direcionado especialmente para a questão da subordinação feminina começou a ser como que ultrapassado, já que a busca de princípios universalistas que refutassem a essencialização da subordinação feminina começou a perder força e ser colocada de forma mais contextualizada.

Pedro Paulo de Oliveira (1998) refere-se a uma "trajetória" do conceito de masculinidades, passando por certas vertentes que, se comparadas ao conceito de gênero relacionado com a recorrência às mulheres, os homens foram, por muitos, tratados como se fossem, digamos assim, "sem gênero". Dentre as vertentes, temos a do "discurso vitimário", da psicologização e a dos "papéis masculinos". Vale lembrar aqui que esta é a mesma leitura dos estudos de gênero referentes às mulheres, quando se falava (e se fala) de "condição" feminina, ou de uma "condição de vítima" vivenciada pelas mulheres. Se não podemos afirmar que se fala numa "condição masculina", o discurso e as análises pelo menos se aproximam disso, já que essencializam os comportamentos masculinos, enquadrando-os em esquemas de práticas e atitudes num sistema de relações definido nos seus relacionamentos com os vários "outros".

Dentre estas formas de abordagem, o homem é uma vítima de si mesmo.

No Brasil, Sócrates Nolasco (1993) segue a mesma linha deste discurso e assume a noção de papéis, ou do papel masculino, apoiando a sua discussão e referindo-se a autores classificados dentre aqueles da “corrente vitimária”. Ele busca mostrar que “o trabalho desempenha uma função importante na vida do homem, fazendo-o sentir-se reconhecido e aceito socialmente” (NOLASCO, 1993, p. 56). Porém, segundo Nolasco, a rigidez do trabalho limita a subjetividade dos homens, pois eles, na busca de identificação com os outros, “chegam a situações-limite de se tornarem verdadeiros escravos da máquina produtiva e com isto renegarem suas próprias necessidades e histórias de vida, como um artifício para sentir-se mais próximos de um hipotético topo” (NOLASCO, 1993, p. 60). O resultado disso seria o de que a “condição masculina contemporânea” evidencia solidão, sofrimento e tensão, segundo a análise dos depoimentos coletados pelo autor.

Segundo Pedro Paulo de Oliveira, uma abordagem que volte sua atenção para as “dinâmicas das relações e a estrutura de poder” nos moldes de Robert Connell (1993) seria a forma ideal para se criticar os estudos de masculinidade que privilegiam o discurso e as representações sociais que, segundo o próprio Connell (1993, p. 600), operam completamente dentro do mundo do discurso, ignorando as práticas do gênero e sua estruturação social. Para Connell, as masculinidades não devem ser percebidas como algo reificado; o objeto do conhecimento, em vez disso, está nos lugares e práticas dos homens nas

relações de gênero. A masculinidade, enquanto prática pessoal, não pode ser isolada de seu contexto institucional (família/estado/mercado de trabalho/local de trabalho). Não seria, segundo ele, muito forte dizer que masculinidade é um *aspecto de instituições*, produzido na vida diária, e é um *aspecto da personalidade* ou produzido em transações interpessoais. Quanto às questões do amor, o sociólogo Anthony Giddens (1993, p. 55) nos dá boa pista de como os espaços de homens e mulheres foram definidos na sociedade ocidental. Aos homens foi negada – social e culturalmente – a possibilidade de viver seu lado emocional; as emoções e o amor são conhecidos como “coisas de mulher”. Aos homens, cabe quase que apenas o mundo da racionalidade e do trabalho. Esta divisão tem passado por grandes mudanças.

Em minhas observações de campo, tenho visto que, entre os jovens, se fala de amor, sejam homens ou mulheres. Porém, entre os homens, falar em amor ainda é algo não muito bem-visto, não é algo “natural” ou até “próprio” de se falar, como se costuma dizer: não é com qualquer homem que se fala de amor, mas sim com os parentes e amigos mais próximos. Conversas sobre este tema podem ser ainda consideradas como “coisas de mulher”, e quem discute sobre ele pode ser visto como alguém, de certo modo, “efeminado”. Fala-se sobre sexo também com frequência, porém, da mesma forma, os espaços e as pessoas com quem se fala de sexo devem ser muito bem delimitados, pois o olhar dos pares quando se fala, por um lado, de amor ou, por outro, de sexo, pode ser bastante reprovador. Às mulheres era concedido o domínio das emoções, hoje elas já conhecem e vivem em domínios

que antes lhes eram alheios – os “lugares” e “coisas” de homens.

E os homens? Nesse contexto de transformações, diríamos que a percepção e a idéia é de que seus domínios foram “invadidos” e hoje, mais do que antes, habitados pelas mulheres; porém, será que eles circulam pelos domínios delas também? Como ficam os problemas que os atingem na construção da masculinidade, nos seus relacionamentos, na afetividade, no seu lado sexual em relação à ideologia dominante processada por eles? Como o movimento feminista reivindicou e alcançou uma maior percepção, as mulheres também “querem sexo.” E os homens, neste mesmo sentido, também, “querem amor”? Não que esteja afirmando que elas não quisessem sexo antes do feminismo, ou que os homens não se interessassem pelas questões do amor (ou não amassem), conforme a tradição de amor ocidental, ou ainda que tais questões sejam assim tão divididas entre os gêneros. Mas, como padrão cultural, a divisão existe, mesmo que haja, ou possa haver, hoje, uma maior visibilidade sobre estas questões para ambos os lados. Se querem ou não amar, de que forma lidam os homens – foco deste estudo – com um relacionamento tido como ideal por eles, e quais as práticas quotidianas vividas com suas parceiras e/ou parceiros? Como sabemos – e as análises enfatizam –, com o pretenso surgimento do amor romântico no final do século XVIII (COSTA, 1999; GIDDENS, 1993; LOBATO, 1997; MACFARLANE, 1990) como um *valor* de cuja consideração não mais se prescindiu, as emoções foram *afastadas*, por assim dizer, do convívio dos homens. E hoje, eles ainda conseguem renegar este lado que faz parte de qualquer ser humano? O padrão da sexualidade masculina,

apontado por Giddens (1993, p. 125-126), continua a ganhar força, ou está sendo revisto e flexibilizado?

Michael Kimmel (1998) nos mostra alguns modelos de masculinidade norteamericanos, e evidencia que não há, na verdade, *uma masculinidade absoluta*, mas *masculinidades em construção*. A construção das masculinidades se dá a partir de dois campos inter-relacionados de relações entre homens e mulheres, e homens com outros homens. Pierre Bourdieu (1995) nos diz: “A dominação masculina está suficientemente assegurada para precisar de justificação: ela pode se contentar em ser e em se dizer nas práticas e discursos que enunciam o ser como se fosse uma evidência, concorrendo assim para fazê-lo ser de acordo com o dizer” (BOURDIEU, 1995, p. 137). Logo, ela estaria assegurada na “obscuridade dos esquemas práticos do *habitus*, onde está inscrita [...] a relação de dominação” (BOURDIEU, 1995, p. 143). Nas entrevistas que tenho feito, fica muito claro que as questões do amor, dos relacionamentos, do ser homem, da amizade, das noções e práticas em relação às mulheres são tidas e verbalizadas como dadas, sem se questionar ou mesmo se saber falar sobre. Questões fazem o interlocutor “parar para pensar” sobre suas práticas e construir uma resposta sobre aquilo que fazem, mas parece que dificilmente pensam sobre isso.

A prática da pesquisa e as práticas dos interlocutores

Meus interlocutores são jovens homens pertencentes a camadas médias urbanas de Belém do Pará, com faixa

etária entre 18 e 25 anos; são, portanto, filhos de pessoas de uma geração que vivenciou, ativamente ou não, as mudanças impulsionadas pelo movimento feminista da década de 1970. Quase todos são universitários, ou estão no último ano do segundo grau, tentando entrar para a universidade. Todos estudam ou são formados em uma língua estrangeira e mantêm relações as mais diversas com pessoas desta faixa de idade. Vão com frequência a festas, casas de amigos, clubes, *shopping centers*, boates. Os lugares onde os interlocutores se encontram, no caso desta pesquisa, são bastante variados e não existe uma homogeneidade entre todos os jovens que participaram dela; quero dizer com isso que a forma de se chegar aos interlocutores é diferente, por exemplo, daquela vivenciada por Lia Zannota Machado (1998) ao pesquisar os detentos presos por estupro na Prisão da Papuda do Distrito Federal. Machado tem um lugar específico (a Prisão da Papuda) onde fez suas entrevistas e onde ocorreu a pesquisa de modo geral. No meu caso, é diferente. Faço mesmo um caminho inverso: delimito o perfil dos entrevistados – e não os espaços ou instituições que freqüentam ou onde estão – para depois, através de suas próprias informações, perceber os lugares onde vão, se encontram, discutem, se relacionam, concebem e vivenciam suas práticas amorosas. Acabo, assim, por delimitar mesmo um grupo específico, que possui lugares e espaços de sociabilidade comuns e um itinerário, de certo modo, bem definido. O espaço acaba por surgir a partir da delimitação fornecida por eles mesmos. Por exemplo, não vou às boates primeiramente para encontrar um grupo de jovens a ser investigado, pelo contrário, parto dos

próprios jovens para chegar aos lugares (entre eles a boate) onde eles se encontram ou podem ser encontrados. Alguns dos jovens entrevistados se conhecem e, de modo geral, são freqüentadores de certos lugares comuns. Ou melhor, de certos tipos de espaços compartilhados, mesmo não sendo, exatamente, os mesmos (a mesma boate, o mesmo bar etc.). Eles moram em bairros centrais ou próximos a estes e possuem um acesso bastante facilitado para o Centro da cidade de Belém. A maioria dos jovens reside em bairros como São Bráz, Marco, Bairro de Fátima e Umarizal. É muito importante deixar claro aqui que, quando digo Centro de Belém, na verdade, não estou falando de um centro de fato, ou seja, observando o mapa da cidade, esta parte que chamo de Centro fica como que numa ponta, numa quina da cidade. Isto se dá pelo fato de Belém ser praticamente “circundada” por rios e o desenvolvimento da cidade ter-se dado do rio para o “continente”. O Centro da cidade seria, então, a parte mais próxima deste rio e algumas das ruas principais que levam a ele.

Busco na pesquisa armar uma rede de relações estabelecidas através de interlocutores-chave. A extensão dessa rede tem-se dado a partir do contato destes interlocutores com parentes, amigos, vizinhos que se enquadrem no perfil predeterminado. Escolho a faixa de idade já referida por ter uma maior facilidade de inserção neste grupo. Pelo mesmo motivo, os interlocutores escolhidos são pertencentes às chamadas camadas médias urbanas (VELHO, 1987), ou seja, jovens que mais comumente freqüentam certos espaços de sociabilidade. O que proponho como a

construção de uma rede de interlocutores pode proporcionar uma pequena amostra das possíveis representações compartilhadas pelos jovens da sociedade de Belém de modo geral.

Utilizo a entrevista do tipo semi-estruturada como técnica principal da pesquisa, ou seja, um “esquema” orienta sobre os principais temas, algo como temas motivadores que dão direcionamento à entrevista e abertura a outros pontos relevantes. Introduzo, previamente, o assunto que estou procurando investigar com a apresentação de um resumo do tema e uma breve conversa sobre a pesquisa. De modo geral, e isso é importante ressaltar, os entrevistados afirmam que a faixa de idade que estabeleci neste perfil é conveniente. De acordo com um deles, por exemplo, depois dos 18 anos (segundo ele, com o ganho de uma maior liberdade e o *status* de ser adulto ou “de maior”) e antes do casamento (que segundo o entrevistado aconteceria por volta dos 25 anos, após estes jovens estarem “formados”)⁸ os modos de pensar e viver os relacionamentos são bem parecidos.

O contato praticamente contínuo com meus interlocutores e também com as mulheres jovens que são suas namoradas, amigas e parentes é revelador de aspectos “escamoteados”, tangenciados nas entrevistas, além de ser rico em si mesmo, para quem investiga a vida social.⁹

As bases do amor

É interessante, para uma pesquisa que se propõe enveredar pelos caminhos do amor, mostrar o que José Américo Motta Pessanha (1987, p. 77-78) afirma

acerca dos escritos de Platão em torno do tema:

[...] para Platão, como se vê no *Banquete*, o tema do amor vem de muito longe, sua origem se perde em insondáveis tempos remotíssimos, jamais presenciamos seu começo. O que dele temos, na verdade, é a série descontínua de falas ou variações na qual entramos sempre tardiamente: seqüência fragmentada de múltiplos e heterogêneos discursos, esfacelada por falhas, hiatos, silêncios [...], o amor é tema que não se encerra nem se exaure: apesar de permanentemente retomado, permanece inconcluso, aberto sempre a possibilidades de novas variações [...], do amor temos somente o meio, seu dilacerado meio onde estamos e somos: os inúmeros e às vezes antagônicos discursos amorosos, onde fatalmente tentamos inserir nossa fala particular e provisória.

Por isso, creio, concordando com Pessanha, que os dados apresentados aqui possuem sua especificidade local, mesmo tendo fortes ligações com o universo maior, mais amplo da chamada sociedade ocidental, e, por sua vez, dentro do contexto da *modernidade*. Afirmo isso no intuito de apresentar os dados desta pesquisa a respeito do que jovens de camadas médias urbanas de Belém concebem como amor, ou ainda, “o que faz o amor, amor”.

De modo geral, as concepções acerca do amor dos jovens desta pesquisa giraram em torno de certas características, de um determinado modelo do que é o amor, ou ainda, do que deve existir dentro de um relacionamento para que haja uma relação pautada no amor. Ou mais, o que eles próprios podiam ver nos seus relacionamentos (quando for o caso) e nos relacionamentos dos outros para identificá-los como “amorosos”. Vale lembrar aqui que, de modo geral, estes

jovens *ficam*,¹⁰ paqueram, flertam e namoram com maior ou menor intensidade, variando de jovem a jovem e das suas investidas para estes fins; contudo, mesmo que o trajeto de um relacionamento passe do flerte ao *fica* e chegue até o namoro, nem todos os relacionamentos¹¹ ou todas as pessoas com quem se relacionam são aquelas com quem o amor possa se apresentar e comandar os caminhos do casal. Desta forma, posso identificar aqui que três características principais do amor aparecem nos relatos da grande maioria das entrevistas: a fidelidade, a confiança e o companheirismo.

Todos os entrevistados apontaram que para um relacionamento ter continuidade e ser duradouro, um "namoro firme", seu componente principal deve ser a *fidelidade*. Quando mencionam a fidelidade como importante, muitas vezes associam-na a respeito mútuo que, da mesma forma, deve existir. Por exemplo, Jairo, 20 anos, por exemplo, afirma que, sem qualquer interferência ou pressão externa, "eu me considero muito sério, eu chego até a falar que eu queria ter fidelidade". Ou ainda, mostra que a fidelidade é recíproca e que a falta dela tem seus motivos:

Eu acho essencial, eu acho essencial. Pô, como eu tô com uma menina e eu vou me dedicar só pra ela, eu também quero que ela se dedique só pra mim. Eu quero um relacionamento que complete a mim e a ela. Porque é o seguinte, eu acho que a traição não é só sacanagem: "Ah, ela te traiu, então não presta." Eu acho que se a pessoa te trai é porque falta alguma coisa. Eu acho que na vida ninguém é doído. Por exemplo, se a menina está superbem contigo ela não vai te trair. Se ela te adora, te ama, pode ficar contigo, ela vai ficar com o vizinho? Eu acho

assim, se tu estás ficando muito ausente, se tu estás muito ciumento e ela te trair, por mais que tu não aceites, mas é uma justificativa. Aí que é a questão do diálogo, do equilíbrio do relacionamento.

Olavo, 19 anos, afirma que "a primeira coisa que eu priorizo, cara, é fidelidade, sinceridade, né. Em primeiro lugar a sinceridade e depois a fidelidade". Aqui, um outro elemento aparece conjugado à fidelidade: a *sinceridade*, que o próprio Olavo define mostrando que, no seu relacionamento, ele deixa bem claro que, quando há algum problema, deve-se falar logo para que possa haver uma discussão e o mesmo seja resolvido. Olavo assume que, no caso de seu relacionamento que já dura um ano e quatro meses, a fidelidade e a sinceridade que prioriza são recíprocas, e que nunca traiu a namorada.

Já Tadeu fala de uma fidelidade que deve ser conquistada, e que "fidelidade é como eu escutei de uma pessoa, fidelidade não se exige, se conquista. Ouvi isso de uma ex-namorada minha, cara, a Roberta". Mesmo assim, assume que é muito novo para ter um relacionamento sério e que, como vários outros homens, mente inclusive em relação ao fato de ser fiel ou não.

Luan, 23 anos, diz que fidelidade é tudo em um relacionamento e que "a base de todo relacionamento pra mim é a *confiança*; eu confio nela cegamente, assim como ela confia em mim". No final da entrevista, afirmou que nunca havia ficado com outra garota durante o seu relacionamento com a atual namorada, mas que ele sabia que não era "santo" e que poderia trair sua namorada em alguma situação, então buscava evitar circunstâncias em que isso pudesse

acontecer, como ir a uma festa ou a um bar com amigos.

Para Jairo, os relacionamentos giram, também, em torno da lógica da confiança mútua e, além disso, acrescenta mais um fator, quando afirma: “Então, no final de semana, eu quero uma menina pra mim, *companheira*, que me entenda.” Ou como Tadeu, 19 anos, revelou: “Tu tens que ter alguém, ter uma pessoa e tal, que fique contigo e que, sei lá, ache graça das mesmas coisas que tu achas, passe por momentos difíceis.”

Mário, que tem 23 anos, é estudante universitário, e não tem um relacionamento fixo, afirma: “fidelidade pra mim é até eu sentir que o relacionamento vai pra frente.” Para ele, a fidelidade “é muito importante, porque se, por exemplo, no começo do namoro for começar a trair e for traindo, esse namoro e esse casamento nunca vai dar certo, porque um dia descobre, tem um dia que descobre”. Afirma ainda que mesmo tendo que haver fidelidade em um relacionamento, já traiu várias vezes. Ele admite: “Eu tô traindo, se ela descobrir, vai terminar. Enquanto não descobrir tá tudo certo, sabe? O que os olhos não vêem, o coração não sente”. Mário ainda se vale desse velho ditado.

Aqui, os relatos de alguns dos entrevistados mostram que os padrões de relacionamento e, mais especificamente, de um relacionamento amoroso são balizados, em alguns casos, por uma expectativa desigual de atitudes. O que para Giddens (1993, p. 54) é conhecido como o padrão duplo: “Para os homens, as tensões entre o amor romântico e o *amour passion* eram tratadas separando-se o conforto do

ambiente doméstico da sexualidade da amante ou da prostituta.”

Mesmo que, aqui, não se esteja enfocando precisamente esta relação colocada por Giddens – o confronto entre o ambiente doméstico e a sexualidade da amante ou da prostituta – é possível fazer uma relação entre a sua abordagem e os dados dessa pesquisa, por entender que, ainda hoje, meus interlocutores esperam que seus relacionamentos sejam pautados nos termos que coloquei acima. Pautados no amor que congrega fidelidade, confiança, sinceridade, companheirismo, ainda que, quando se fala de suas atitudes, o inverso disso seja permitido, e tido como próprio do gênero, próprio dos “homens mesmo”.

Amor e ilusão, ou quando é ou não é amor?

Na trajetória da vida dos meus entrevistados, ou, por que não dizer, na trajetória amorosa dos mesmos, vale lembrar que nem tudo são brisas, como se costuma dizer, ou que nem tudo são só flores ou só amores. Em nossas conversas, muitos contaram casos de algum tipo de relacionamento, em que achavam estar amando outra pessoa, para depois se dar conta de que não era bem assim. Após algum tempo, passaram a entender e perceber que o que viveram não era bem o amor. Tão difícil quanto definir o que é o amor, muitas vezes, é encontrá-lo em seus relacionamentos. O amor é buscado, mas nem sempre achado.

Mário fala de seu primeiro relacionamento, com uma garota que morava em frente à sua casa. Seu relato revela as

desilusões vividas por aquele que teria sido o primeiro namorado “sério” de sua primeira namorada.

Eu pensei que eu gostava dela, e tudo mais, que eu amava ela, mas não... Por exemplo, nós nos conhecemos desde pequeno, aí foi, foi, foi aquele negócio de... aquele namoro de criança aí foi, fomos crescendo. Aí aconteceu que eu pedi pra namorar e ela aceitou, mas eu era também o primeiro namorado dela, mas ela tinha *ficado*, já sabia beijar e eu também. Só que namorar de falar: “Estamos namorando”, eu fui o primeiro.¹²

E em outro trecho, Mário continua:

Aí eu fui crescendo, fui gostando mais. E teve um dia que ela falou que não gostava mais de mim, mas que eu gostava dela então... Sempre era assim, ela voltava comigo, eu falava que gostava muito dela, que eu amava, aí ela voltava comigo, aí eu chorava... Quando ela viu que a situação era essa, que era só ela pedir pra voltar comigo, eu voltava... E que eu estava nas mãos dela. Isso durou um tempão. Durou mais ou menos uns dois, três anos, eu só nessa história. E eu gosto, eu gosto e faria tudo por ela [*relatando como é que ele fazia na época*]. E até que um dia eu percebi que não dava mais pra ficar nessa.

E conclui: “Com outras pessoas não. Com outras pessoas eu gostava e sofria, assim, só comigo, não a pessoa sabendo.”

As afirmações de Mário, penso, desmistificam a imagem que se tem de que “os homens não choram”. Aqui, além de ficar claro que os homens choram sim, pode-se afirmar que homens choram e choram por amor também. Mário, depois de uma relação traumática, acabou se resguardando mais, ou seja, não deixava claro seus sentimentos a respeito da pessoa com quem se relacionava. A revelação dos

sentimentos, no caso de Mário, ficou sendo vista como uma arma na mão da mulher, que poderia ser usada contra ele próprio, como se ele estivesse “nas mãos” da namorada.

Tadeu relata – e eu mesmo pude presenciar – as várias vezes em que ficava, literalmente falando, horas ao telefone, tentando as infundáveis reconciliações com uma de suas namoradas. Talvez, não por coincidência, a primeira namorada, da mesma forma como acontecera com Mário. Depois de muito chorar, voltar¹³ e se separar percebeu que, na verdade, o que sentia não era amor. Ou mesmo, que a namorada não o amava. Na verdade, diz ele, era ainda muito novo, criança, para distinguir uma atração, uma paixão passageira de uma relação amorosa mais séria e duradoura: “Eu já vivi uma atração muito forte por uma pessoa que eu pensei que amasse. Mas não era nada disso.”

Olavo também conta sua experiência a respeito de namoradas. Ele afirma que chegou a pensar que amava a namorada que teve antes de Luciana, a atual, mas que chegou a uma outra conclusão:

E também porque, apesar de eu achar que o que eu sentia naquela época era amor, sabe? Só pelo fato de eu achar muito bonita e tal, gostar assim, de estar junto, já era amor, e não é bem assim, né. Então eu dizia muito, entendeu? Mas eu achava que sabia muita coisa, entendeu? Eu hoje, eu acho que eu sei mais baseado no que eu tô vivendo com a Luciana, entendeu?

O amor, assim, aparece como algo difícil de ser identificado. Vale lembrar que os relatos que manifestam esta dificuldade em definir se o sentimento era amor mesmo ou não se referiam ao

primeiro relacionamento. Um primeiro relacionamento que mesmo sendo resultado de uma “ilusão” e terminando numa desilusão amorosa abre caminho para um maior aperfeiçoamento, como tento mostrar a seguir.

O amor, a marca e a pedagogia do amor

O antropólogo francês Pierre Clastres (1978), em um artigo famoso, mostra que, nas sociedades ditas primitivas, as marcas “cravadas” no corpo não são concebidas como mera violência. Nestas sociedades, a marca serve como uma identidade de grupo, de faixa de idade, de nível de hierarquia, além de, quando da sua feitura, um momento de passagem dos indivíduos pelas várias divisões existentes no grupo. No caso desta pesquisa, não estou usando o termo *marca* como talvez Clastres o tenha usado – uma marca feita no corpo, mesmo. As marcas referidas aqui apontam para algo que fere não a pele, mas os sentimentos, e está presente em vários momentos das vivências e dos relacionamentos das pessoas como no caso dos meus entrevistados.

Luan, antes de iniciar o seu relacionamento com a atual namorada, teve um namoro conturbado, cheio de idas e vindas, ocasionadas pela viagem de sua primeira namorada para Fortaleza, Ceará. A distância só era “diminuída”, quando Luan conseguia viajar para Fortaleza. Isso aconteceu várias vezes, por conta do dinheiro que conseguiu com o pequeno negócio (manutenção de computadores) que abriu com um amigo, Carlos, namorado da irmã de sua namorada. Luan reclamava que, mesmo

fazendo tudo para estar ao seu lado, a namorada não fazia o mesmo:

O Carlos lutou, o problema com a Deise era que eu é que lutava, eu era que fazia isso aqui¹⁴ pra ficar do lado dela e ela não fazia esforço quase nenhum pra ficar do meu lado, ela não brigava, ela não batia o pé... Foram brigas homéricas que nós tivemos, e não teve condições de ir pra Fortaleza. “Poxa, tu já tá acabando teu vestibular, vem pra cá me ver” [*ele dizendo*] “Ah, o meu pai não vai deixar” [*ela dizendo*]. Eu digo: “Porra, pelo menos tenta, cara, ouve um não, mas pelo menos mostra pra mim que tu estás tentando.” Ela é muito sem garra, sabe? Aí, isso foi um dos grandes motivos que foram o causador da nossa separação. Aí eu não, eu insisti em estar ao lado dela.

Tadeu assume a mesma postura de um certo olhar negativo acerca de relacionamentos passados. Afirma que passou a aprender: “Acabei, sei lá, me entregando muito, assim. E acabei pegando muito na cara.”

Depois de dois anos de namoro em Belém e de três anos de namoro “à distância”, o namoro acabou, segundo Luan, devido à falta de “garra” de sua namorada e à impossibilidade de continuar viajando, depois de tantas vezes, no trajeto Belém/Fortaleza. “A gente não tinha previsão de nada, nem eu podia ir pra lá, nem ela podia vir pra cá. Aí não foi pra frente.”

A experiência desse namoro, como tento mostrar, tem repercussões muito semelhantes às, digamos assim, torturas de Clastres, ou melhor, às marcas deixadas no corpo dos grupos que este autor investiga. As torturas e a marca trazem dor, e, neste sentido, as dores também marcam, e deixam claro o que é pertencer ao grupo ou àquele estrato do grupo. No caso dos relacionamentos

dos meus jovens, as dores do amor e de um relacionamento que “não foi pra frente”, e a tortura que era, por exemplo, para Luan estar longe e ter de viajar para Fortaleza em busca de seu amor, de sua amada, deixaram marcas que, além de terem doído muito, tiveram, a meu ver, um sentido ainda maior. Para Clastres, as marcas e a tortura têm o significado de uma pedagogia. A marca imprime o que se deve ou não fazer, ou o que, nos seus exemplos, o jovem que acaba de passar para o grupo dos adultos deve saber, ou seja, os segredos do seu grupo.

No caso deste estudo e dos relatos dos meus entrevistados, observa-se uma pedagogia do amor: aprende-se, não simples e concomitantemente com a passagem de um jovem à vida adulta, mas com uma maior maturidade acerca de seus relacionamentos. Esta maturidade é conseguida através das vivências pessoais – sejam elas com “finais felizes” ou não – e do partilhar com os amigos do mesmo aprendizado. Luan diz estar certo de que um relacionamento como o que teve com sua namorada não se repetirá; pelo menos neste sentido, ele aprendeu que a distância (permanente) é prejudicial ao relacionamento.

Hoje, Luan diz que “chorar ao telefone eu não quero nunca mais. A pior coisa que tem, sei lá...”. Ele afirma que com aquela sua namorada não “voltaria” mais:

Não, porque ela já esteve aqui, ela me procurou e tal, e eu penso assim, olha, não tem condições de eu voltar com ela. Eu não quero voltar tudo aquilo de estar aqui e querer estar lá. Eu não quero ter aquilo de voltar, que é muito sofrimento, cara. Aí a gente largou de mão...

Jairo fala, rindo, que seu primeiro relacionamento “foi traumático” e que brigavam por “motivo banal”. Busca mostrar que, com o tempo, aprende-se com isto que estou chamando “pedagogia do amor”:

Quanto mais anos você passa, com o tempo você melhora, às vezes. O primeiro foi traumático, porque foi aquela empolgação. Acho que até hoje estamos sempre aprendendo. Eu acho que hoje eu já errei menos que antigamente. [*O relacionamento deixou sequelas porque o fez*]: Pensar em refazer tudo de novo, em que eu tava pensando, o que é um relacionamento, se era naquela hora pra eu começar alguma coisa mesmo, se não foi afobação minha, esse tipo de coisa. E eu acho que eu melhorei.

Além de uma verdadeira pedagogia, o relato de Jairo pode ser relacionado ao que Giddens chama de reflexividade, o que para ele é uma das características da modernidade. Um olhar para si, um olhar para o relacionamento, e buscar, além de rever, melhorar a si mesmo e, no caso em questão, as formas de se relacionar. Assim, nas vivências, nos seus relacionamentos, buscam aprender, mesmo que tenham a chance de sempre – mais uma vez – ainda errar.

A “cara-metade” ou a completude do amor

Uma das principais e mais difundidas características do amor, ou da busca de um relacionamento amoroso, ou de alguém que seja amado é a noção do amor como uma *complementação* de algo que está incompleto. Neste sentido, um termo muito utilizado é “cara-metade”. Mário diz isso com muita clareza, e usa o próprio termo:

Eu acho que o amor existe, existe mas quando as duas pessoas têm como se fosse a cara-

metade, as duas pessoas. Enquanto as duas pessoas não tiverem a cara-metade e uma delas falar que ama e a outra não, pra mim não existe ali; ali é uma pessoa que sente uma atração muito forte e que acha que ama, mas não ama. Não tem a ver o amor. O amor a gente pode dizer também que é muito difícil de acontecer.

Mesmo que não usem o termo, é possível perceber em seus relatos que o que está implícito é a noção de que a outra pessoa, a pessoa amada, é um complemento necessário. A relação amorosa, aqui, é tida como o meio no qual as pessoas se sentem de fato completas, como se a pessoa amada fosse uma parte que estava faltando. Percebe-se que o que deve acontecer é algo como uma completude da alma.

O Banquete, uma das obras clássicas de Platão, em que o amor é discutido, aponta, no discurso de um dos convidados, o tema deste item. Resumidamente, o texto seria a narrativa de Apolodoro a um companheiro acerca do que havia ocorrido no banquete realizado na casa de Agatão, para comemorar os discursos feitos, na noite anterior, por um de seus amigos. Na verdade, Apolodoro não participou da reunião na qual Platão e Sócrates também se encontravam. Ele apenas soube o que havia acontecido a partir do que Aristodemo lhe contara, havia muito tempo. O que há nessa reunião é uma série de diálogos, e não apenas discursos dos vários convidados; esses diálogos tomam o caráter de uma verdadeira “batalha” a respeito de um tema escolhido – nesse caso, o amor.

Apesar do interesse em toda a obra e nos diálogos de cada um dos convidados, neste item, o que nos chama

a atenção é o momento em que Aristófanes fala sobre o que concebe como amor. Para isso, ele recorre ao *mito dos três gêneros da humanidade*, segundo o qual os gêneros da humanidade são: o masculino, o feminino e o andrógino. O gênero masculino é constituído de duas partes masculinas; o feminino, de duas partes femininas; o andrógino, de uma parte masculina e outra feminina. Esta constituição dava muita força e mobilidade aos seres, o que os fez sentirem-se poderosos a ponto de se voltarem contra Zeus que os castigou separando-os em *duas metades*. Estas, após o castigo, passaram a viver em eterna busca por sua completude, por sua outra parte. A perda da “outra metade” deu aos “gêneros humanos” a sensação de falta permanente:

Assim, seccionada a natureza humana, cada uma das metades pôs-se a procurar a outra. Quando se encontraram, abraçaram-se e se entrelaçaram num insopitável desejo de novamente se unirem para sempre. E assim iam morrendo de fome e de inação, porque separadas não queriam nada mais fazer (PLATÃO, 2001, p. 125).

É impressionante que algo escrito na chamada época da maturidade de Platão, e neste trecho citando ainda um mito que se perde nas suas origens, como Pessanha (1987) afirma, tenha tal ligação com os dados que analiso hoje entre os jovens desta Belém do início de um novo milênio. As origens dessa noção podem não estar nem mesmo no mito descrito por Platão, na fala de Aristófanes. Em outras obras-primas da literatura universal, o mesmo ideal do encontro das duas metades, ou da cara-metade, é também encontrado, recorrentemente, como sabemos.

Jairo, ainda, afirma que, para se ter alguém que se ame e com quem seja possível estabelecer um relacionamento mais “duradouro”, mais “sério”, é importante que se encontre uma espécie típica de relacionamento, como Jairo diz: “Eu quero um relacionamento que *complete* a mim e a ela.” Aqui, este relacionamento que o *complete* tem uma ligação direta com uma pessoa que ele *complete* também, como Jairo novamente afirma:

Amor teria quando termina a semana, coisa exaustiva, cansativa, estressante, eu possa ir com uma pessoa que também teve uma semana cansativa, que também some, um *complete* o outro, um alegre o outro, um distraia o outro [...].

Giddens (1993, p. 51) também mostra, falando do amor à primeira vista, que este: “É um processo de atração por alguém que pode tornar a vida de outro alguém, digamos assim, ‘completa’.”

Por fim, os relatos de Tadeu, um jovem de 20 anos, são, no mínimo, interessantes. Fora do contexto da entrevista, pude presenciar alguns fatos importantíssimos para a pesquisa. Encontrando-se comigo, ele falou de um fim de semana em que fora a uma boate muito freqüentada da cidade. No seu relato, as aventuras – da paquera à conquista – fluíram de forma espontânea, desde a chegada até as aventuras sexuais tidas como “de fim de noite”, do seu grupo de amigos com algumas garotas que haviam conhecido na mesma noite. Interessante notar que os termos utilizados para designar as mulheres que mantiveram relações sexuais com eles naquela noite me soavam muito estranhos. Ele dizia com freqüência que havia “pego umas putas”, o que me

levava a acreditar que era o termo utilizado vulgarmente para prostitutas ou garotas de programa. Ao insistir em tais termos, ele me explica que todas as meninas eram, na verdade, estudantes de uma universidade particular da cidade e que só eram chamadas assim por terem aceitado “sair” com eles sem os conhecerem. Sendo assim, posso afirmar que, dentre os jovens de seu grupo, as noções acerca das mulheres ainda oscilam entre dois pólos: o das mulheres fáceis e o das mulheres difíceis, ou seja, aquelas que serviriam para casar ou namorar. Alguns termos mencionados por outros entrevistados – como, por exemplo, safada, galinha, danada – também enquadram a mulher no perfil designado pelo entrevistado referido anteriormente. Mesmo que em alguns momentos da entrevista ele afirme que, por um lado, aprova a “liberdade” em que as mulheres vivem hoje, ele esboça uma certa repulsa, em relação a essa tal “liberdade”, no que diz respeito a suas atitudes em relação à sexualidade.

Tomo como fundamental nesta pesquisa a perspectiva de Velho (1994) ao afirmar que a vida social se torna possível através da interação de grupos os mais heterogêneos que se inter-relacionam, quando trabalha com o conceito de *projeto* (também acerca de relacionamentos e amor), como uma conduta organizada para se atingir fins determinados, e o de *campo de possibilidades* (da realização de ideais de relacionamentos amorosos) (VELHO, 1994, p. 40). Os “meus” jovens interlocutores possuem projetos que, de um modo ou de outro, para reproduzir ou desconstruir o padrão hegemônico de masculinidade, direcionam suas expectativas a respeito de relacionamentos e,

principalmente, amor. Suas noções a respeito de homens, mulheres, sexualidade, relacionamentos e amor são partes constituintes desses projetos, que, por sua vez, são construídos a partir da inter-relação com seus pares quanto a grupos de idade, meios e modos de sociabilidade, família e também com outros grupos de idade, pais, escola.

No caso de Tadeu, por exemplo, fica bastante claro isso. Como ele mesmo relata, hoje o seu *projeto* em relação às questões amorosas é bem diferente daquele de alguns anos atrás, o que ele define como “épocas”. Aos 16 anos, data que elege como o início de seus namoros, ele afirma ter sido frágil em relação à sua namorada, o que fica evidente nas várias vezes que ele “pegou pela cara” por não saber lidar com ela. Este fato fazia com que ele ficasse intermitentes e regulares horas a chorar ao telefone em busca de uma reconciliação. Entre os 18 e 19 anos, sua forma de se relacionar com as mulheres era outra, saía com frequência e “arranjava” diversas mulheres para ficar, pois “o que interessava era a quantidade e não a qualidade”, já que isso, no final de uma noite, o fazia se “sentir o tal”. Hoje, aos 20 anos, seu projeto é muito diferente; cansado de se sentir sozinho depois de vários “ficas” e relacionamentos que “não deram certo”, busca uma pessoa que o “complete”. Aqui, os ideais românticos de plenitude através do ser amado são bem evidentes. Entretanto, vê grandes dificuldades nisso, acha que seu *campo de possibilidades* se fecha cada vez mais, já que hoje em dia “as mulheres não querem namorar, os homens é que querem”. Ele afirma que esta percepção é algo recorrente entre os homens de sua faixa de idade, seus amigos e parentes.

Afirma ainda que “no mundo de hoje” as coisas ficaram muito fáceis. O jovem conquistador das festas de Belém de alguns anos atrás sente-se, hoje, só, e reivindica até mesmo a “conquista” que foi esquecida.

Segundo ele, as mulheres teriam se libertado muito. É interessante notar que o entrevistado não discorre sobre o feminismo, nem sobre as intenções e alcances de tal movimento, mas reproduz, de alguma forma, a ideologia feminista que prega a liberação da mulher. Assim, ele reclama, dizendo que “as mulheres começaram a se libertar muito [...] Começaram a querer ser independentes demais já”. Ele vê um lado positivo e negativo nisso tudo:

Por um lado é bom, cara, que tu vês algumas meninas com pouca idade, mas com uma cabeça boa pra caramba, sabe? Mas por outro lado é ruim, porque, sei lá... ficou tudo mais fácil, hoje em dia tu chegas e tal, pronto, ficou. Não tem mais aquela conquista, não tem um papo legal mais.

Sua preocupação seria a de que as mulheres não querem mais namorar, apenas ficar; o que ficou muito fácil.

São questões como estas, além dos exemplos levantados, que nos mostram que as idéias a respeito de relacionamentos e amor entre os jovens que pesquiso ainda estão por tomar uma forma mais definida, ou seja, pensar o amor e os relacionamentos hoje é enveredar por um caminho onde as noções e práticas estão por se construir em um processo bastante dinâmico. Sendo assim, observam-se concepções diversas nas noções e práticas dos interlocutores da pesquisa, algumas vezes evidenciando-se até contradições acerca dos padrões a serem seguidos, o que

penso ser fruto de algo que ainda está por ser concretizado e bem definido: uma nova forma de se pensar e se viver o amor

e os relacionamentos no contexto da construção das masculinidades.

Abstract: The aim of this article is analyze how youths – from 18 to 25 years – of urban middle classes in Belém (PA) conceive the notion of love and live their loving practices in the context of masculinities construction. The focus on this specific group happens because they are youths sons of a generation, not considering the question of class, witch lived, vivid or not, the changes impelled by the feminism of the 70's. The love is taken here as "the kind" of love current in the western society, the romantic love.

Keywords: Gender; love; masculinity.

Notas

¹ Ainda que não respondendo a todas estas questões, este artigo apresenta alguns resultados da discussão maior feita na dissertação de mestrado de mesmo título em Antropologia Social pela Universidade Federal do Pará.

² Neste trabalho, busquei identificar, através de fontes bibliográficas, as transformações e redefinições de papéis de homens e mulheres ocorridas na Europa no período da Revolução Industrial que motivaram o aparecimento de ideais românticos. Considerando isso tudo, procurei avaliar de que forma este amor romântico é reproduzido, construído e desconstruído nos dias de hoje, através de um dos canais de sua difusão: a chamada música popular, focalizando, em especial, a música de João Bosco.

³ Família(s) e gênero.

⁴ Sobre isso, entre outros, podemos remeter a Durhan (1983), Ridley-Leigh ([1980]), Scott (1999), Sorj (1992) e Strathern (1997). Aliás, neste mesmo sentido, ver também Amaral (1994).

⁵ É importante dizer, neste sentido, que as coletâneas mais importantes que, de certo modo, colocaram o debate em ponta e/ou examinaram o estado da arte

nesta área (dos estudos de mulher e gênero) não apresentam referências à produção bibliográfica sobre homens/masculinidades (Cf. BRUSCHINI; COSTA, 1992; HEILBORN, 1992).

⁶ Devemos lembrar, neste sentido, que, segundo Machado (1992), a data-chave para a opção por uma abordagem de gênero entre nós é 1987. O que "casa" com a espécie de seqüência que estou sinalizando aqui.

⁷ Sobre isso, conferir Barbosa (1998), Connell (1993), Oliveira (1998) e Nolasco (1993).

⁸ Isto é, de haverem terminado o curso de graduação.

⁹ Aliás, trabalhando com um tema muito próximo ao meu, esse foi um dos recursos fecundos utilizados pela antropóloga Telma Amaral (1999) no importante e até hoje único estudo antropológico sobre casamento realizado em Belém.

¹⁰ O termo *ficar*, no contexto desta pesquisa, refere-se a um relacionamento em que não há um compromisso, um relacionamento dito "sério", como o de namoro. No *fica*, há beijos, abraços, carícias e toques, além de, para alguns, relação sexual.

¹¹ Anthony Giddens (1993) mostra que no contexto da modernidade não se ama mais a pessoa com quem se relaciona, mas sim o próprio relacionamento, que, este sim, é o esperado e idealizado.

¹² Mário estabelece uma separação entre o *fica* e a amizade no momento em que pede a garota em namoro.

¹³ No grupo, quando se usa o termo voltar, está-se referindo diretamente ao ato de reatar um relacionamento.

¹⁴ O entrevistado fez um sinal como se estivesse limpando suor da testa.

Referências

- AMARAL, Telma. *Antropologia, mulher e gênero: alguns olhares, um olhar: uma revisão de trabalhos sobre Mulher e Gênero*. 1994. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teoria Antropológica) – Universidade Federal do Pará, Belém, 1994. Mimeo.
- AMARAL, Telma. *E o casamento, como vai?: um estudo sobre as conjugalidades em camadas médias urbanas em Belém, PA*. 1999. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia Social, Universidade Federal do Pará, Belém, 1999. Mimeo.
- ARILHA, M. Homens, saúde reprodutiva e gênero: o desafio da inclusão. In.: GIFFIN, K.; COSTA, S. (Org.). *Questões da saúde reprodutiva*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 1999. p. 455-467.
- BARBOSA, R. *AIDS e gênero: as mulheres de uma comunidade favelada*. 1993. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1993.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Chorar, verbo transitivo. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, n. 20, 1995.
- BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- CLASTRES, Pierre. A tortura nas sociedades primitivas. In: _____. *A Sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.
- COLLIER, J.; ROSALDO, M.; YANAGISACO, S. Is there a family?: new anthropological views. In.: B. e YALOM (Org.). *Rethinking the family: some feminist questions*. Boston: Northeastern University Press, 1992. p. 31-48.
- CONNELL, Robert. The big picture: masculinities in recent world history. *Theory and Society*, Saint Louis, v. 22, no. 5, p. 597-623, Oct. 1993.
- CORRÊA, Mariza. Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em psicologia. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, 1998. Trajetórias do gênero, masculinidades...
- COSTA, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- DUARTE, G. A. Perspectiva masculina quanto a métodos contraceptivos. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 14, supl. 1, p. 125-130, 1998.
- DURHAM, Eunice. Família e reprodução humana. In: FRANCHETTO, B. et al. *Perspectivas antropológicas da mulher 3*. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

- GAMMA, A. S. *AIDS e gênero: um estudo de aspectos socioculturais e geracionais da sexualidade feminina em camadas de baixa renda*. 1997. Dissertação (Mestrado) – Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 1997.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed. da Univ. Estadual Paulista, 1993.
- GIFFIN, Karen; CAVALCANTI, Cristina. Homens e reprodução. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1-2, 1999.
- GOLDSTEIN, Donna. "Inter-racial" sex and racial democracy in Brazil: twin concepts? *American Anthropologist*, Arlington, v. 101, no. 3, Sept. 1999.
- HAYDEN, Robert. Rape and rape avoidance... *American Anthropologist*, Arlington, v. 102, no. 2, June 2000.
- HEILBORN, Maria Luíza. Fazendo gênero?: a antropologia da mulher no Brasil. In.: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- HEILBORN, Maria Luíza (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. In.: *Horizontes Antropológicos: corpo, doença e saúde*, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out. 1998.
- LASMAR, Cristiane. Antropologia do gênero nas décadas de 70 e 80: questões e debates. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 2, p. 39-74, dez. 1997.
- LEAL, O. F.; FACHEL, J. Jovens, sexualidade e estratégias matrimoniais. In: HEILBORN, Maria Luíza (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- LOBATO, Josefina Pimenta. *Amor, desejo e escolha*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. (Coleção Gênero).
- LOURO, Guacira. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- MACFARLANE, Alan. *História de casamento e do amor*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- MACHADO, Lia Zannota. Feminismo, academia e interdisciplinaridade. In: BRUSCHINI, Cristina; COSTA, Albertina. *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.
- _____. Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, 1998.
- MALCHER, Leonardo F. S. As bases do amor romântico: sua reprodução e desconstrução na música de João Bosco. 2000. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2000. Mimeo.
- MURRAY, David. Between a rock and a hard place: powerlessness of transnational narratives among gay martinican men. *American Anthropologist*, Arlington, v. 102, no. 2, June 2000.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo de. Discursos sobre a masculinidade. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, n. 1, 1998.

- PESSANHA, José Américo Motta. Platão: as várias faces do amor. In: NOVAES, A. (Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 77-103.
- PLATÃO. *Apologia de Sócrates e Banquete*. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- RIDLEY-LEIGH, Dominique. Mulheres na migração: redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 26, 1980.
- ROUCCO, Juan José Meré. Sexualidade e mudanças de comportamentos: um estratégia lúdica de prevenção da Aids. In: HEILBORN, Maria Luíza (Org.). *Sexualidade: o olhar das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- SCOTT, Joan W. Igualdade versus diferença. In: DEBATE feminista, cidadania e feminismo. São Paulo: Melhoramentos, 1999.
- SORJ, Bila. O feminismo na encruzilhada da modernidade e pós-modernidade. In: COSTA, A. de O.; BRUSCHINI, C. (Org.). *Uma questão de gênero*. São Paulo: Rosa dos Tempos: Fundação Carlos Chagas, 1992.
- STRATHERN, Marilyn. Entre uma melasianista e um feminista. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 8/9, 1997.
- THORNER, Barrie. Feminist rethinking of the family: an overview. In: COLLIER, J.; YANAGISACO (Org.). *Gender and kinship essays toward a unified analysis*. California: Stanford University Press, 1987, p. 1-24.
- VAITSMAN, Geni. *Flexíveis e plurais: identidade, casamento, e família em condições pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- VELHO, Gilberto. Trajetória individual e campo de possibilidades. In: VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.